
AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR, NO LIVRO DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, SEGUNDO PAULO FREIRE

THE CONTRIBUTIONS OF POPULAR EDUCATION, IN THE BOOK OF PEDAGOGY OF THE OPPRESSED, ACCORDING TO PAULO FREIRE

Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa¹ Keyte Rocha da Cruz²

Laércio Américo de Morais³ Elieuzza Andrade Meneses e Silva.⁴

Simone Lira Pereira⁵ Luciano Fausto Barbosa do Carmo⁶

RESUMO: A educação popular é compreender e ocultar conflitos que promovem uma nova era na ação pedagógica e se lembrar em uma ideia acalentada como a ideal. Na pedagogia do oprimido o autor Paulo Freire de certa forma fala diretamente aos excluídos socialmente, e que ainda hoje sofrem com uma sociedade dominadora e opressiva, onde quem dita as regras são principalmente os letrados, ou os que de certa forma conseguiram o seu lugar ao sol. Na condição de oprimido, o homem aceita uma vida de humilhação por parte do opressor, e não há espaço para que este homem venha se desamarrar destas correntes, pois nem se quer há um questionamento, ou forças para lutar por seu direito de ser humano, de pessoa, de um cidadão onde o saber popular é possível se encontrar melhorias do jeito de viver do cidadão desmerecido pela sua sociedade.

Palavras-chave: Sociedade. Oprimido. Homem, popular.

ABSTRACT: Popular education is to understand and hide conflicts that promote a new era in pedagogical action and to remember a cherished idea as the ideal. In the pedagogy of the oppressed, the author Paulo Freire in a certain way speaks directly to the socially excluded, and who still today suffer from a dominating and oppressive society, where those who dictate the rules are mainly the literate, or those who in a certain way managed their place in Sun. In the condition of oppressed, man accepts a life of humiliation on the part of the oppressor, and there is no space for this man to come untied from these chains, because there is not even a question, or the strength to fight for his right to be human, of person, of a citizen where popular knowledge is possible to find improvements in the way of life of the citizen undervalued by his society.

Keywords: Society. Overwhelmed. Man, popular.

1. INTRODUÇÃO

A educação popular é um método da educação, que julga os saberes prévios do povo e suas realidades culturais, na constituição de novos saberes. Conforme Paulo Freire, a educação popular, é uma teoria de reconhecimento referenciada na realidade, com procedimentos incentivadores a participação e ao empoderamento das pessoas permeados, por

¹ Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. fatimabarbosa_66@hotmail.com

² Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. professor_keyte@hotmail.com

³ Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. lerciomorais@hotmail.com

⁴ Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. elieuzandrade@gmail.com

⁵ Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. lirasimone2010@gmail.com

⁶ Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC. lucianofausto@outlook.com

uma base política estimuladora de transformações sociais e norteando por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

O contorno singelo de se realçar Educação Popular é entendê-la como um ato amoroso em um exercício de um bem querer. Na pedagogia, é por meio das palavras do nobre educador e pensador brasileiro Paulo Freire “paixão de conhecer” que percebemos o seu brio.

O ponto de partida de um desenho social é a procura de alternativas possíveis que almejam mudança, fato que acontece na prática pedagógica, na sua funcionalidade, na descentralização por parte da classe dominante e um direcionamento a favor da ética, inclusão e outras formas de se libertar da opressão e dogmatismo que insistem em continuar como única verdade.

A educação popular é um formato diferenciado de aplicar e procurar o saber dentro de parâmetros pedagógicos, que incide em reafirmar a cultura pré-existente e amenizar desequilíbrios sociais como a conscientização do potencial, participação mais ativa do educando na formação da sua identidade. Versa de uma educação com comprometimento e participação direcionada as camadas populares, o povo, abrigando as suas necessidades, não com frieza ou austeridade, mas apontando uma transformação social ajustada no conhecimento com características peculiares.

Falar sobre Educação popular é compreender e aceitar conflitos que promovem uma nova era na ação pedagógica e se lembrar em uma ideia acalentada como a ideal. Ter e manter planos e se compadecer dos dissabores de educadores e educandos. É através dela que será reconhecido o ser humano e os seus valores, tanto quanto as regras que regem a sociedade, assim como um ser excluído também está ciente de que a sociedade é o seu meio, por isso a pedagogia deve ser um evento de inclusão, seria entender a escola de outra maneira, com práticas peculiares da educação popular; compreendendo a vida e buscando melhorias, que consequentemente iriam trazer benefícios ao Brasil em um novo amanhã, é olhar sobre o nível, entender as necessidades e que proponham caminhos viáveis ao povo.

A escola é avaliada um meio de vida, já que para os alunos se trata de um local para aprendizagem e desenvolvimento e ao educador cabe nortear e transformar dentro do contexto local a busca e produção do saber.

Pedagogia do Oprimido é a obra mais famosa, do educador brasileiro, reconhecido mundialmente, Paulo Freire. A parte do livro que mais influência em longo prazo, foi a crítica

dele, assim chamada “Educação Bancária”. Que seria, portanto essa educação? Nada mais é do que um processo, de aprendizagem no qual, o estudante é apenas um sujeito passivo, em sala. O professor “deposita”, o conhecimento no banco, (a mente do aluno), que nada mais é o método, que tradicionalmente, era aplicado nas escolas. Educador e educando, seria, uma espécie de tese em antítese gerando sínteses, “novos conhecimentos”. Ele insiste muito são na questão do professor adaptar suas aulas a realidade dos alunos, especialmente os adultos.

A educação, segundo o autor, precisa ser libertadora, pois não pode reproduzir o autoritarismo que está presente em nossa sociedade, que herdamos historicamente.

Paulo Freire teve uma interessante discussão sobre a pedagogia de uma perspectiva do oprimido. Destaca que a luta pela libertação do homem, o qual é, semelhante a realidade histórica, um ser inconcluso, se dá num processo de crença e reconhecimento do oprimido em relação a si mesmo, enquanto homem de vocação para “ser mais”.

Preconiza um trabalho educativo que venere o diálogo e a união indissociável entre ação e reflexão, ou seja, que privilegie a práxis. Um trabalho que não se estabeleça no ativismo (ação sem reflexão) ou na sloganização (reflexão sem ação) e que não se funde numa concepção de homem como ser vazio.

2. DESENVOLVIMENTO

A educação é um ato político e pedagógico. Os educadores necessitam construir conhecimentos com seus alunos, usando o bem da sociedade tornando-se profissionais da pedagogia e da política.

Paulo Freire é contra o propósito de informações, isto é, a pedagogia bancaria, por não considerar o conhecimento e cultura dos educandos. Crê que deve-se reverenciar a linguagem, a cultura e a história de vida dos alunos, desfigura que os conteúdos não fujam da realidade dos mesmos.

Assim tem por base o diálogo libertário, pois mesmo as pessoas não alfabetizadas tem cultura e quando o educador consegue fazer ponte entre a cultura dos alunos, estabelece-se o diálogo para que novos conhecimentos sejam adquiridos. Diálogo é o fator essencial para construir seres críticos. Ele é contrário à teoria anti-dialógica que é caracterizada das elites dominantes.

A ação cultural está a serviço da opressão consciente ou inconsciente, ou a serviço da libertação dos homens.

- Pedagogia dos Dominantes- a educação existe como prática de dominação rígida, nega a educação e conhecimento como investigação, onde o educador é o sujeito e o educando objeto.
- Pedagogia do Oprimido - onde a educação brotaria como prática da liberdade. A educação como prática de liberdade sugere a negação do homem abstrato, solto, desligado do mundo, assim tanto a negação do mundo como realidade ausente.

O Livro Pedagogia do Oprimido comenta de uma pedagogia, com uma forma de relacionamento, entre docentes, estudantes e a sociedade, ela foi escrita em 1968, quando o mesmo estava exilado no Chile. O livro foi proibido Brasil, sendo somente publicado, em 1974.

Neste livro, Paulo Freire sugere uma explicação da importância e necessidade de uma pedagogia dialógica emancipatória do oprimido, em oposição à pedagogia da classe dominante, que coopere para a sua libertação e sua transformação em sujeito cognoscente e autor da sua própria história através da práxis enquanto unificação entre ação e reflexão.

A obra forma-se em quatro partes que são antecedidas de uma introdução, em que Freire chama a atenção para o medo da liberdade ou o designado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, apelando à radicalização crítica, criadora e logo libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e objetividade.

Nesta pedagogia, o educador, por meio de uma educação dialógica problematizante e participante, alicerçada na confiança no povo, na fé nos homens e na criação de um mundo onde cada homem seja julgado pelo que é, onde a liberdade do povo deve acatar à perspectiva do oprimido e não do opressor, busca conscientizar e habilitar o povo para a transição da consciência ingênua à consciência crítica com base nas fundamentações lógicas do oprimido. Assim sendo, distinguir-se por um movimento de liberdade que brota a partir dos oprimidos, sendo a pedagogia realizada e consolidada com o povo na luta pela sua humanidade.

A obra estrutura-se em quatro partes que são precedidas de uma breve introdução, na qual Paulo Freire chama a atenção para o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, recorrendo à radicalização crítica, criadora e conseqüentemente

libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e objetividade, a qual gera um atuar e pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la, o que se transforma em ameaça à classe dominadora, que pela sectarização, obstáculo à emancipação dos homens, transforma o futuro em algo preestabelecido a par da manutenção de formas de ação negadoras da liberdade.

Deste modo, a Pedagogia do Oprimido insinua uma atitude e caráter radicais fundamentadas no encontro com o povo por meio do diálogo enquanto ferramenta metodológica que consente a leitura crítica da realidade, partindo da linguagem do povo, dos seus valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos oprimidos.

Por ser opressores estes também se fazem desumanizados e por consequência, cedo ou tarde os oprimidos ao se conscientizarem de sua situação irão lutar com quem os fez menos objetivando restaurar a humanidade para ambos, opressora e oprimida.

3. CAPÍTULO I – A JUSTIFICATIVA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

No capítulo I - o autor procura justificar o título «pedagogia do oprimido» explicando que o homem tem de transformar-se num sujeito da realidade histórica em que se insere, humanizando-se, lutando pela liberdade, pela de alienação e pela sua afirmação, enfrentando uma classe dominadora que pela violência, opressão, exploração e injustiça tentam perpetuar-se.

A pedagogia do oprimido, no Cap. I, o autor Paulo freire ele faz referencia à escolha do seu tema baseando-se na desumanização como realidade histórica onde, o ser mais é o indivíduo opressor e o ser menos o indivíduo oprimido.

“A desumanização, que não se verifica apenas, no que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, dos que roubam, é distração da vocação do ser mais... esta somente é possível por a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mais resultado, de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, um ser menos.” (p.16)

Este capítulo divide-se em quatro temas. O primeiro refere-se à questão da consciência retratando os problemas atuais que como “O ser humano” no centro da reflexão. O homem que pouco sabe de si e de seu lugar no cosmo, se pergunta sobre si mesmo e sobre sua humanização.

A desumanização embora seja uma fato concreto na história, não é destino dado, mas é resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e está, o “Ser Menos”. O “Ser Menos” não é vocação humana, mas distorção do “Ser Mais”.

A desumanização se percebe tanto nos que tem a sua humanidade roubada como naqueles que a roubam.

Ao assumir que o problema central da história presente da humanidade seja o de sua humanização, Freire entende naturalmente que isto se dá em contraposição à sua desumanização reconhecendo assim a oposição histórica entre Humanização e Desumanização.

4. CAPÍTULO II – A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE OPRESSÃO

Neste capítulo, o autor comenta sobre o conceito de concepção bancária da educação como ferramenta da opressão, distinguido como um depósito, um donativo ou uma ação «assistencializadora» (p. 60) para com o povo, avaliado tábuia rasa.

Na compreensão de Freire esse modelo de educação também proporciona formas de controle e opressão e tem no entendimento “bancária” a característica da sociedade opressora. Ela deposita conhecimentos aos educandos de forma que o mesmo fique restrito só ao conhecimento que lhe é atribuído sem que existam diálogo e debate de opiniões e ideias.

A educação bancária decompõe a consciência do aprendiz em um pensar mecânico, isto é, em experimentar como se a realidade social significasse algo exterior a ele e de nada lhe medisse. Na educação bancária, predominam relações narradoras, dissertadoras.

Paulo Freire (1987) nos transporta a pensar na necessidade de mudança de liberdade e superação do atual estado de inércia, reprimendo e despontando alguns caminhos que possam certamente orientar tais anseios. Ele apresenta a discussão de que é o professor quem faz o seu aluno um meio depositário: deste modo, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

5. CAPÍTULO III – A DIALOGICIDADE, ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE.

No terceiro capítulo, o autor aborda a questão da dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade. O diálogo assente na palavra é visto como fenômeno

humano, pois segundo Paulo Freire não há palavra verdadeira que não seja práxis, enquanto ato de criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens.

Paulo Freire relata o poder da palavra, e como a mesma pode modificar a realidade. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se consumindo, assim, na relação eu/tu (FREIRE, 2005).

Ele exhibe as distintas dificuldades de diálogos para as pessoas, diferenciando alguns motivos que levam a essa falta de diálogo, como a incerteza, medo de superação e várias outras. Apresenta-se a necessidade da confiança entre os sujeitos, pois não há confiança, não se pode existir um diálogo verdadeiro, já que, sempre há um pouco a mais para ser aprendido, e sempre se tem algum conhecimento, independente da área que é fundamentada esse aprendizado, até porque ninguém desconhece tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós conhecemos alguma coisa. Todos nós desconhecemos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

6. CAPÍTULO IV – A TEORIA DA AÇÃO ANTIDIALÓGICA

O quarto capítulo, concentra-se nas teorias da ação antidialógica e nas teorias da ação dialógica. Freire dar início por reafirmar que os homens são criaturas da práxis e que surgem do mundo objetivando-o, podendo distingui-lo e transformá-lo com o seu infortúnio.

(...) O diálogo seria propulsor, em sua vertente pedagógica crítica, de um movimento cognitivo e político-epistemológico contínuo, suscitando necessidades de apreender conhecimentos pertinentes às temáticas da realidade abordadas, motivando à construção de novos referenciais analíticos, (Saul; Silva, 2009, p.234).

A ação transformadora se faz pela reflexão e ação. Corrobora que um ser que se dedique a liderança revolucionária da opressão, não deve embaraçar seu papel de emissário do diálogo com os oprimidos estabelecendo o seu ponto de vista.

Para Freire os elementos da ação dialógica são: A colaboração, a união, a organização, e a síntese cultural.

A colaboração do diálogo percebe o outro como o outro e venera a sua culturalidade. A união da massa oprimida se faz indispensável receber força de transformação. A organização das massas populares em classes é o procedimento no qual a liderança revolucionária, tão impedida quanto este, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da pronuncia do mundo, aprendizado verdadeiro, por isto, dialógico (FREIRE, 1987). A síntese

cultural se baseia na abrangência e confirmação da dialeticidade permanência – mudança, que compõem a estrutura social.

O autor Paulo Freire nesta obra humildemente expõe algumas críticas que recebeu em relação à escrita do livro *Pedagogia do Oprimido*, primeiro relata cartas recebidas de mulheres que acusam sua linguagem machista, assim o autor passa a ter maior vigilância em novas escritas, colocando o homem e a mulher como responsáveis pelo processo de engajamento social. A segunda crítica refere-se a sua linguagem rebuscada, muitas vezes elitista e de difícil compreensão para os oprimidos, esfarrapados do mundo, público-alvo desta obra.

Sendo assim, Freire salienta que a educação tem a política como uma característica inerente à sua natureza pedagógica e alerta e ratifica que é pertinente para todos e todas, que devemos nos precaver dos discursos ideológicos, dos quais a educação também faz parte, pois ameaçam confundir a curiosidade, além de distorcer a leitura e interpretação dos fatos e acontecimentos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, esta obra de Paulo Freire é um trabalho de conscientização, recomendado a todos e todas, e que se preocupam com a sua existência, com sua história e faz o resgate com respeito e ética e a todos os docentes em particular, pois tem um carácter político na medida em que, fazendo uma abordagem que pulsa e é emancipatória na educação enquanto instrumento de libertação de consciências e da necessidade da atuação do homem na sua própria existência, afirma que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar a realidade.

A educação problematizada a caracteriza-se pela intencionalidade, afirmando e fundamentando que alfabetizar é conscientizar, enquanto capacidade de admirar, objetivar, desmistificar e criticar a realidade envolve o mundo no qual o homem ao descobrir-se seu construtor, sendo protagonista descobre-se sujeito da cultura e como tal se afirma como sujeito livre, contra qualquer regime de dominação que visa a massificação, numa luta pela transformação e conquista e efetiva a sua liberdade, alcançada pela práxis, levando para sua vida.

Na sociedade em que vivemos com certeza fica bem claro quem são os opressores e os oprimidos, o que Paulo Freire cita é que estamos em tempo de mudar esta situação se cada indivíduo se libertar, buscando a superação e quando se trata de trabalhar com jovens e

adultos ambos tem que ter a consciência de que é possível mudar, deixando de ser oprimidos e passando a ser agentes transformadores.

Na educação “bancária “o que pode perceber é a manipulação de pensamentos com um único objetivo oprimir”“. O educador bancário tenta “depositar”, “encher”, o educando com conteúdo, os quais, comumente, não se relacionam com sua vida, minimizando, e até mesmo anulando, seu potencial criativo, criticidade e pensar autêntico.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Educação Popular**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. Ano da digitalização: 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo (36.ª ed. 2003; 1.ª ed. 1970) **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 184 p.

SAUL, Ana Maria. **A construção do currículo na teoria e prática de Paulo Freire**. In: APPLE, Michael; NÓVOA, Antônio (Org). Paulo Freire: política e pedagogia. Porto Portugal: Porto Editora, 1998, 192p.